

Article

Percepção Ambiental e Etnobotânica na Comunidade Paraíso Grande, Humaitá-AM, Brasil

Felipe Sant'Anna Cavalcante¹, Rosineide Campos Chaves², Doraci Brito de Souza³, Fabiana Caetano Furtado⁴, Veridiana Vizoni Scudeller⁵

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia – PPGCASA/ Universidade Federal do Amazonas (UFAM). ORCID: 0000-0002-3765-9218. E-mail: felipesantana.cavalcante@gmail.com

² Mestre em Ciências Ambientais. Universidade Federal do Amazonas (UFAM). ORCID: 0000-0002-2152-1900. E-mail: neydeufam@gmail.com

³ Mestranda em Ciências Ambientais. Universidade Federal do Amazonas (UFAM). ORCID: 0000-0002-5911-7102. E-mail: doraciufam@gmail.com

⁴ Mestranda em Ciências Ambientais. Universidade Federal do Amazonas (UFAM). ORCID: 0000-0002-1405-6705. E-mail: fabiacaetano11@gmail.com

⁵ Doutora em Biologia Vegetal. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). ORCID: 0000-0002-7649-5818. E-mail: vscudeller@ufam.edu.br

RESUMO

Este estudo teve como objetivo realizar uma análise das condições socioeconômicas, etnobotânicas e da percepção ambiental na comunidade Paraíso Grande em Humaitá-AM. Utilizou-se uma abordagem mista, incluindo entrevistas e questionários semiestruturados aplicados para 20 famílias. Os resultados revelaram que a comunidade é predominantemente composta por pessoas com idades entre 20 e 40 anos. A maioria (30%) dos entrevistados é casada e apresenta em média dois filhos. Em geral as famílias ganham menos que um salário-mínimo para sua sobrevivência, por meio do trabalho na roça/agricultura. Observou-se uma ampla gama quanto ao nível de escolaridade dos entrevistados, prevalecendo o ensino fundamental incompleto. Foram mencionadas 31 espécies medicinais, sendo as mais citadas o mastruz, hortelã, limão e acerola. As doenças mais citadas entre as tratadas com plantas medicinais foram gripe, infecções em geral, dores no estômago e problemas cardíacos. Todos os entrevistados afirmaram que utilizam as plantas medicinais no preparo de medicamentos para alívio ou cura de doenças e cultivaram algumas dessas em seus quintais. A grande maioria dos entrevistados foi composta por mulheres e adquiriram esse conhecimento oriundo de seus familiares. As folhas foram a parte da planta mais usada e preparada em forma de chá. Além disso, a comunidade utiliza as plantas medicinais pois no local que residem não existe atendimento médico de saúde, o que estimula o uso desses vegetais na cura e/ou alívio de doenças. Dentre os problemas ambientais que a comunidade enfrenta ou já enfrentou, destacou-se as enchentes, seguido de queimadas e desmatamentos, os quais acabam prejudicando o crescimento e desenvolvimento das plantas. Dessa forma, é recomendado evitar esses problemas ambientais para a conservação dessas espécies vegetais tão importantes na comunidade.

Palavras-chave: agricultura; Amazônia; comunidade ribeirinha.

ABSTRACT

This study aimed to analyze the socioeconomic, ethnobotanical and environmental perception conditions of the Paraíso Grande community in Humaitá, Amazonas. A mixed approach was used, including interviews and semi-structured questionnaires applied to 20 families. The results revealed that the community is predominantly composed of people aged between 20 and 40 years. The majority (30%) of the interviewees are married and have an average of two children. In general, families earn less than the minimum wage to survive, through work in the fields/agriculture. A wide range of educational levels was observed among the interviewees,



Submissão: 14/08/2024



Aceite: 19/09/2024



Publicação: 14/11/2024



with incomplete elementary education prevailing. Thirty-one medicinal species were mentioned, with the most cited being mastruz, mint, lemon and acerola. The most cited diseases among those treated with medicinal plants were flu, infections in general, stomach pains and heart problems. All interviewees stated that they use medicinal plants to prepare medicines to alleviate or cure illnesses and that they grow some of them in their backyards. The vast majority of interviewees were women and acquired this knowledge from their families. The leaves were the most commonly used part of the plant and were prepared in the form of tea. In addition, the community uses medicinal plants because there is no medical care in the area, which encourages the use of these plants to cure and/or alleviate illnesses. Among the environmental problems that the community faces or has faced, flooding stood out, followed by fires and deforestation, which end up harming the growth and development of plants. Therefore, it is recommended to avoid these environmental problems in order to preserve these plant species that are so important to the community.

Keywords: agriculture; Amazon; riverine community.

Introdução

O Amazonas é o maior estado da federação, sendo entrecortado por uma extensa rede hidrográfica, formada por rios, lagos, paranás e igarapés. O estado ainda tem preservado as suas florestas através de políticas ambientais e socioeconômicas através de parques, reservas, reservas extrativistas, terras indígenas, com exceção a região sul do Estado onde o agronegócio está se expandindo desde a década de 1970 (Lima et al. 2021).

Por outro lado, a destruição da Amazônia poderá comprometer o futuro do planeta Terra, pois chegará um dia em que a região será palco de grandes mudanças globais, o que atualmente está acontecendo com a seca severa na região comprometendo a saúde e o bem-estar da população. Muitas das vezes, o desmatamento é estimulado pelo discurso desenvolvimentista, no entanto, temos uma vasta área desmatada na Amazônia (9.064 km² entre agosto de 2022 e julho de 2023) que se poderia investir sem precisar destruir o resto das matas que ainda existem (Dietrich & Almeida 2020).

No mundo contemporâneo, mesmo que as pessoas estejam mais conscientes da importância das florestas para o globo e para a humanidade, e ainda que uma grande parte da floresta amazônica esteja em unidades de proteção, o desmatamento e as queimadas continuam acontecendo e aumentando suas proporções. Dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) de 2023 mostram que em 2019 o Amazonas superado o Pará nos índices de desmatamento (Inpe 2024). É urgente tomar novas atitudes e fazer algo mais para a proteção da Amazônia (Dietrich & Almeida 2020).

À medida que a propriedade privada se expande, um número limitado de sociedades rurais, especificamente, as comunidades ribeirinhas amazônicas, enfrentam desafios significativos na preservação de elementos essenciais de seu estilo de vida tradicional. Essas comunidades dependem frequentemente dos recursos naturais locais para sua subsistência, como a pesca e a agricultura em pequena escala. Assim, a expansão da propriedade privada não só impacta a economia dessas comunidades, mas também coloca em perigo suas tradições culturais e a integridade de seus ambientes naturais (Lomba & Fonseca 2017).

Nesse sentido, essas comunidades enfrentam desafios contínuos em termos socioeconômicos. Podendo ressaltar o acesso limitado a serviços básicos, dificuldades de transporte, isolamento e falta de acesso à comunicação, carências educacionais e de saúde, bem como a influência das condições ambientais e sazonais, o desmatamento desordenado, a falta de políticas públicas voltada para suas necessidades básicas, problemas fundiários, problemas agrários, escoamento de produção, dentre muitos outros (Brasil, 2011).

Desta maneira, pode-se mencionar a importância econômica, cultural e ecológica dessas áreas, visualizando que há um vínculo entre as populações ribeirinhas e os recursos naturais. Assim, as características do ambiente ribeirinho variam entre as diversas comunidades, que desempenha um papel crucial na subsistência das populações locais. Sendo uma das práticas culturais que perdura ao longo dos anos, a qual é aprimorada por meio de observações e conhecimentos transmitidos oralmente entre gerações (Silva et al. 2021).



A origem do uso das plantas medicinais acompanha a história desde a Antiguidade. O ser humano buscou na natureza os recursos para suprir suas necessidades básicas, encontrando nas espécies vegetais propriedades alimentares, medicinais e outras utilidades (Almeida 2011; Veltri 2017).

As relações humanas com os recursos naturais são abordadas sob a perspectiva do manejo e ao interagir com o espaço o ser humano acumula experiências que podem ser utilizadas como benefício do próprio ecossistema e do homem com a natureza (Santos et al. 2007). Assim, o conhecimento tradicional é o resultado da soma de experiências de cada indivíduo.

Por conseguinte, Lira e Chaves (2016) relatam que a comunidade corrobora com as relações sociais, os modos de vida de cada local e o método para a utilização dos recursos disponíveis, ressaltando o importante papel da cultura. Os autores ainda enfatizam que as comunidades permitem o manejo do ambiente sem a degradação dos recursos naturais, possibilitando uma gestão sustentável a partir do etnoconhecimento, evidenciando as relações homem-natureza.

Dessa forma, para obter informações importantes e favoráveis para o desenvolvimento territorial e para a preservação do ecossistema, torna-se necessário compreender as inter-relações entre os seres humanos, o saber tradicional, os recursos vegetais e suas territorialidades (Araújo et al. 2018). Assim surgiu a Etnobotânica, uma área da biologia que estuda a inter-relação entre os grupos humanos, o ambiente vegetal e suas mudanças com o passar do tempo (Silva et al. 2010; Albuquerque et al. 2022). O conhecimento adquirido através da transmissão não formal, sobretudo aquele derivado de comunidades tradicionais, poderá preencher lacunas na produção do conhecimento científico e revelar problemas antes não questionados.

A Etnobotânica tem-se mostrado uma importante ferramenta na busca por substâncias naturais de ação terapêutica, no entanto, é possível observar alguns fatores limitantes como a dificuldade de coletar informações; a existência de questões éticas que envolvem acesso a conhecimento tradicional associado ao uso da biodiversidade e entre outros (Albuquerque & Hanazaki 2006).

Relacionando os problemas do arco do desmatamento e a erosão do conhecimento tradicional de Humaitá, este trabalho teve como objetivo analisar as condições socioeconômicas, etnobotânicas e da percepção ambiental na comunidade Paraíso Grande em Humaitá-AM.

Metodologia

Caracterização da área de estudo

Esta pesquisa foi realizada na comunidade Paraíso Grande que fica próxima ao município de Humaitá-AM. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) censo de 2022, há uma população de 45.448 pessoas neste município.

A comunidade Paraíso Grande é uma área de várzea e localiza-se a margem direita do rio Madeira com as coordenadas geográficas 7° 32' 48.53" S e 62° 58' 6.09" W, 7 km de distância do município de Humaitá e compreende aproximadamente 150 habitantes (Figura 1) que ocupam o espaço com moradia, a roça/agricultura familiar e usam a floresta ao redor para extrativismo. É importante destacar que a comunidade estudada não apresenta sistemas de tratamento de água, efluentes e resíduos sólidos, dispondo em ambientes a céu aberto (Oliveira et al. 2023).

A comunidade foi fundada aproximadamente nos anos 1960, com os primeiros moradores, ocupando as margens do Rio Madeira, sentido Humaitá-AM. Hoje a comunidade, possui uma escola rural, com mais ou menos 27 alunos. A população tem uma renda econômica da atividade extrativista, entretanto algumas famílias



recebem os benefícios do governo federal, como o bolsa família. Além disso, a comunidade tem uma associação, cuja presidente é agente de saúde, vinculada à Secretária de Saúde, pelo município de Humaitá.

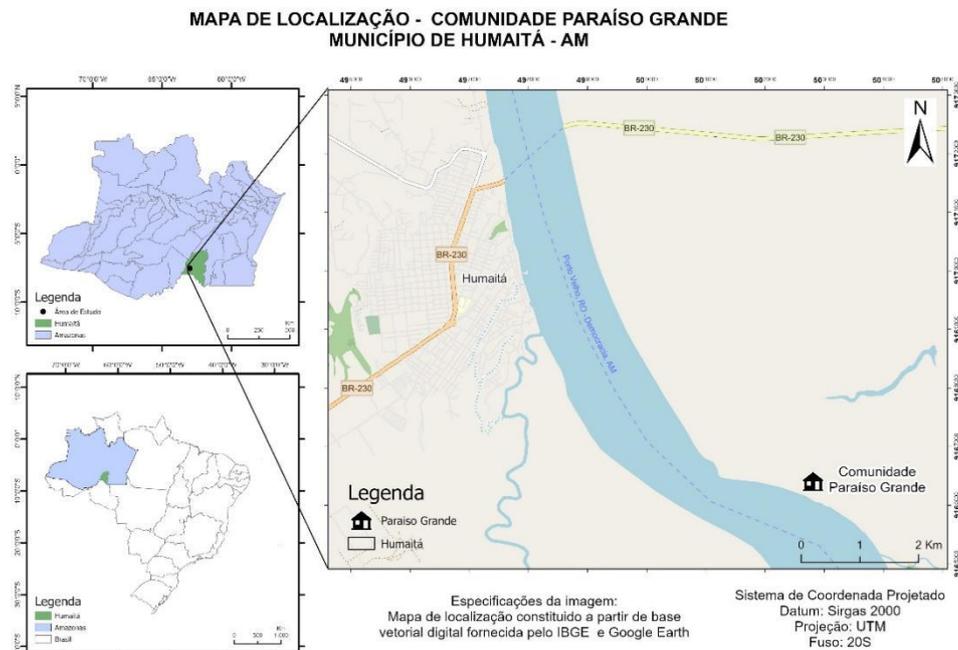


Figura 1. Mapa de localização da comunidade de Paraíso Grande no município de Humaitá-AM. Fonte: autoria própria

Realização das entrevistas e aplicação dos questionários - perfil socioeconômico

No decorrer da pesquisa, precedendo a realização das entrevistas, foi conduzida uma visita à comunidade com o intuito de reconhecer a área de estudo. Essa visita envolveu a apresentação da carta de anuência à líder da comunidade, para que ela compreendesse e autorizasse a proposta da pesquisa. As coletas foram realizadas por meio entrevistas e questionários semiestruturados com perguntas abertas e fechadas, visando coletar dados qualitativos e quantitativos sobre o perfil socioeconômico da comunidade Paraíso Grande, utilizando questões referentes ao perfil dos entrevistados, como: sexo, renda, ocupação, escolaridade, etnia, naturalidade e idade.

As entrevistas ocorreram no período da cheia dos rios e para ter acesso às casas dos moradores utilizou-se um barco regional movido a rabeta como meio de transporte. Utilizou-se o método de seleção não-aleatório selecionando pessoas maiores de 18 anos que estavam na localidade e utilizavam plantas medicinais em processo de cura ou tratamento de doenças. Em seguida era apresentada, a proposta da pesquisa e o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (TCLE), deste modo, as entrevistas ocorriam com uma duração média de 15 a 30 minutos por família e algumas entrevistas foram fotografadas com a permissão dos participantes.

Este projeto recebeu aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa - CEP, conforme Parecer N° 5.792.774. Antes da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), verificava-se se as participantes estavam dentro dos critérios de inclusão e exclusão estabelecidos.

Análise dos dados - perfil socioeconômico

Os dados quantitativos referentes ao perfil socioeconômico foram tabulados em planilhas do Microsoft Excel, versão 2019. Em seguida, ocorreu a organização dos dados e a elaboração de gráficos com o propósito de oferecer uma visualização mais clara dos resultados. Sendo uma pesquisa de caráter qualiquantitativo, utilizou-se o método de Albuquerque et al. (2008) para calcular as variações de média, mediana, coeficiente de variação, valores de máximos e mínimos a fim de obter porcentagens referentes ao formulário socioeconômico.



Realização das entrevistas e aplicação dos questionários - conhecimento etnobotânico

Para a realização da pesquisa, buscou-se nas casas dos moradores plantas medicinais que fossem cultivadas em seus quintais. Com isso, a amostragem das espécies (plantadas e visita guiada) de plantas medicinais que foram encontradas na comunidade ocorreu em dois momentos, visando obter o maior quantitativo de espécies, sendo assim, realizou-se coletas no período das águas baixas (agosto) e no período de águas altas (outubro).

Todo material fértil encontrado foi coletado para confecção das exsiccatas que foram depositadas no Herbário Rondoniense João Geraldo Kuhlmann (RON) pertence à Universidade Federal de Rondônia (UNIR), campus Porto Velho-RO. É importante destacar que algumas espécies não puderam ser coletadas nesta etapa, pois, não estavam férteis ou por não terem sobrevivido à estação seca anterior. Assim, na segunda coleta, durante a cheia, buscou-se encontrar as espécies que não foram coletadas na primeira coleta e o restante das espécies que faltaram.

O instrumento de coleta de dados foi por meio de entrevistas semiestruturadas com perguntas abertas e fechadas, este método, de acordo com Albuquerque et al. (2008), devem apresentar grande flexibilidade, permitindo aprofundar elementos que podem vir surgindo durante as entrevistas.

Assim, foi realizado o levantamento prévio do conhecimento popular que os moradores possuem sobre as plantas medicinais. Ao chegar em cada residência, perguntava-se a quem recebesse o pesquisador primeiro, se o homem (pai) ou a mulher (mãe) tinha conhecimento sobre a planta, e a entrevista era feita a esse detentor do conhecimento.

As perguntas elaboradas seguiram um determinado roteiro no qual teve como finalidade levantar as formas de uso dessas plantas medicinais, incluindo tanto o uso para bebidas e quanto para especiarias, entendendo quais as partes utilizadas e a indicação de uso. Com isso, foi possível calcular os índices de diversidade dessas plantas, investigando também, se alguma dessas plantas são encontrados na vegetação nativa, exóticas, próximas ou distantes de sua casa (Begossi 1996).

De acordo com Albuquerque et al. (2008), é de fundamental importância que o pesquisador compreenda aspectos não-verbais da vida dos entrevistados, bem como questões relacionadas ao cotidiano deles, estando atento para o respeito à privacidade dessas pessoas.

Utilizou-se também o método de Listagem livre que de acordo com Bisol (2012), o participante fornece uma lista de respostas que representem elementos nesse domínio, no caso, solicitamos 10 plantas que eles achavam mais importante e as demais como de plantas medicinais conhecidas e, a partir dessa listagem, obteve-se informações específicas sobre as plantas mencionadas, seguindo por meio de turnês guiadas (Silva et al. 2010), que consistiu em visitas no quintal doméstico (situado nos arredores da casa), para a coleta de plantas.

Dentre os vários métodos reportados na literatura, selecionou-se o valor de uso por basear-se no consenso dos informantes. Para cada planta calculou-se o nível de fidedignidade (NF) para cada planta, como a razão entre o número de informantes que referiram principais usos (indicados pelos informantes como os mais importantes para uma espécie em particular) da espécie e o número total de informantes que mencionaram qualquer uso para a espécie, expressando-se o resultado na forma de porcentagem.

$FL = (I_p/I_u) \times 100\%$, onde:

FL = nível de fidelidade; I_p = número de informantes que citaram o uso principal da espécie; I_u = número total de informantes que citaram a espécie para qualquer finalidade.

Processo de herborização das plantas medicinais

Após todo o procedimento de secagem em estufa (temperatura de 40° C), na qual a maioria das plantas precisou ficar aproximadamente 48 a 60h para a sua completa secagem, a etapa de herborização foi realizada



no Herbário RON. Utilizou-se também, uma planilha JABOT feita no Excel com todas as informações para auxiliar nesta etapa de tombamento. Além disso, foram fotografadas todas as estruturas das plantas coletadas, bem como: folhas, caule, raízes, flores e frutos, para auxiliar na identificação botânica.

Análise dos dados - etnobotânico

As entrevistas foram transcritas na íntegra, parafraseando-as pelos discursos produzidos pelas entrevistadas em uma sentença sintética. Sendo determinadas algumas palavras-chaves dos textos já parafraseados, sendo possível analisar as palavras que mais se repetiram e as plantas que mais utilizavam, bem como, para quais fins medicinais as plantas eram utilizadas.

Resultados e Discussão

Perfil socioeconômico da comunidade

Foram entrevistados 20 moradores, sendo 75% do gênero feminino e 25% do gênero masculino. A maioria (80%) informou ser do estado do Amazonas e 20% do estado de Rondônia. Com relação à faixa etária, verificou-se que a maioria (65%) apresenta a idade entre 20 a 40 anos, 41 a 61 anos (30%) e apenas 5% acima de 61 anos. Quanto ao nível de escolaridade, a análise revelou uma diversidade que engloba desde o analfabeto até o ensino médio completo. Nesse contexto, o ensino fundamental incompleto se destacou como mais expressivo (35%), o que aponta para a existência de uma população que não tem acesso à educação formal, seja por falta de opção na comunidade ou por motivos econômicos.

De acordo com Alencar e Costa (2021) além da utilização de métodos de ensino inadequados, as escolas rurais e ribeirinhas no estado do Amazonas enfrentam uma série de desafios que restringem o acesso à educação de qualidade. Elas sofrem com uma infraestrutura precária, com salas de aula superlotadas, falta de laboratórios, bibliotecas e recursos eletrônicos, além de enfrentarem dificuldades no fornecimento de energia elétrica e nas condições de abastecimento de água e saneamento básico. Esses fatores contribuem para altas taxas de analfabetismo, defasagem idade-série e baixa qualificação dos estudantes.

Além disso, diversos fatores podem impactar a persistência desses indivíduos nas escolas, sendo alguns, deles ligados às transformações naturais nos cursos dos rios, que por sua vez afetam os modos de transporte, as atividades econômicas e a coesão social. O próprio deslocamento representa um desafio significativo, já que durante a estação de águas baixas, os estudantes precisam percorrer longas distâncias ao longo das praias para chegarem à escola. Por outro lado, na temporada de cheias, a escola fica vulnerável às inundações, o que torna impossível a continuação das atividades letivas.

Obeve-se dados sobre o estado civil dos entrevistados, sendo o de casado o mais expressivo com 65% das respostas. A cor étnica parda foi a mais representativa com 50%, seguida da negra (30%), branca e indígena (10% cada). Perguntou-se também, o tempo de moradia dos habitantes da comunidade Paraíso Grande, 1 a 5 anos: 5%; 5 a 10 anos: 15%; 11 a 20 anos: 30%; e acima de 20 anos: 50%. Sendo a maioria tendo como profissão a agricultura (50%) (cultivo de mandioca para produção da farinha e no plantio da melancia). A renda mensal que prevaleceu foi menor que um salário-mínimo (75%) e tendo como religião predominante (70%) o catolicismo.

Alencar e Costa (2021) ressaltam que como complemento de renda, as famílias que recebem menos de um salário-mínimo são beneficiadas com o programa bolsa família e o seguro defeso do Governo Federal. Esses programas desempenham um papel crucial na sustentação financeira das famílias ribeirinhas, fornecendo um



suporte adicional durante os períodos sazonais de maior desafio econômico, como a época de seca, quando a pesca é menos abundante.

Nesse sentido, o progresso do território deve ser moldado para promover tanto o desenvolvimento econômico quanto o social. Isso inclui um foco no fortalecimento da autonomia local, na capacidade de geração de renda e no alcance de excedentes econômicos, entre outros aspectos (Silva & Silveira 2012).

As plantas medicinais

Após a realização das entrevistas e identificação das amostras registrou-se 31 espécies de plantas distribuídas em 30 gêneros e 22 famílias (Quadro 1). De acordo com as dificuldades enfrentadas pelas populações ribeirinhas, a medicina tradicional é uma das alternativas de uso no tratamento e prevenção de diversas enfermidades endêmicas.

Quadro 1. Espécies vegetais medicinais cultivadas pela comunidade Paraíso Grande, Humaitá-AM

Nome Popular	Nome Científico	Família Botânica	Doenças	Parte Utilizada	Forma de Preparo	Local onde é encontrada	Nativa / exótica
Açaí	<i>Euterpe oleracea</i> Mart.	Arecaceae	Reumatismo	Raiz	Chá	Quintal	Nativa
Acerola	<i>Malpighia emarginata</i> DC.	Malpighiaceae	Gripe	Fruto	Chá	Quintal	Exótica
Alfavaca	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Lamiaceae	Gripe	Folhas	a-chá b-banho	Quintal	Nativa
Alho	<i>Allium sativum</i> L.	Amaryllidaceae	Gripe	Folhas	Chá	Quintal	Exótica
Arruda	<i>Ruta graveolens</i> L.	Rutaceae	Estômago	Folhas	a-chá b- maceração	Quintal	Exótica
Babosa	<i>Aloe vera</i> L.	Asphodelaceae	Feridas	Folhas	a- maceração	Quintal	Exótica
Biribá	<i>Annona mucosa</i> Jacq.	Annonaceae	Inflamação	Folhas	b-chá	Quintal	Nativa
Capim-santo	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf.	Poaceae	Coração	Folhas	Chá	Quintal	Exótica
Capeba	<i>Piper marginatum</i> Jacq.	Piperaceae	Inflamação	Folhas	Chá	Floresta	Nativa
Catinga-de-mulato	<i>Tanacetum vulgare</i> L.	Asteraceae	Gripe	Folhas	a-chá b-banho	Floresta	Exótica
Chicória	<i>Cichorium intybus</i> L.	Asteraceae	Cólicas	Raiz	Chá	Quintal	Exótica
Erva-cidreira	<i>Melissa officinalis</i> L.	Lamiaceae	Coração	Folhas	Chá	Quintal	Exótica
Escama-de-peixe	<i>Kalanchoe brasiliensis</i> Cambess	Crassulaceae	Estômago	Folhas	Sumo	Quintal	Nativa
Gengibre	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Zingiberaceae	Gripe	Caule	Lambedor	Quintal	Exótica
Goiaba	<i>Psidium guajava</i> L.	Myrtaceae	Estômago	Folhas	Chá	Quintal	Exótica
Graviola	<i>Annona muricata</i> L.	Annonaceae	Câncer	Folhas	Chá	Quintal	Exótica



Nome Popular	Nome Científico	Família Botânica	Doenças	Parte Utilizada	Forma de Preparo	Local onde é encontrada	Nativa / exótica
Hortelã	<i>Mentha piperita</i> L.	Lamiaceae	a-gripe b-asma	a-folhas b-folhas	a-chá b-maceração	Quintal	Exótica
Jambu	<i>Acmella oleracea</i> (L.) R. K. Jansen	Asteraceae	Estômago	Folhas	Chá	Quintal	Nativa
Limão	<i>Citrus limon</i> L.	Rutaceae	Gripe	Folha	a-chá b-banho	Quintal	Exótica
Mastruz	<i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clemants	Amaranthaceae	Vermes intestinais	Folhas	a-sumo b-maceração	Quintal	Exótica
Mamão	<i>Carica papaya</i> L.	Caricaceae	Fígado	Folhas	Chá	Quintal	Nativa
Manjeriçã	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Lamiaceae	Gripe	Folhas	a-chá b-banho	Quintal	Exótica
Mucuracá	<i>Petiveria alliacea</i> L.	Phytolaccaceae	Gripe	Folhas	a-chá b-banho	Quintal	Nativa
Pião-roxo	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Euphorbiaceae	Gripe	Folhas	a-chá b-banho	Quintal	Exótica
Puruí	<i>Alibertia edulis</i> L. Rich	Rubiaceae	Gripe	Fruto	Chá	Floresta	Nativa
Quebra-pedra	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Phyllanthaceae	Rins	Folha	Chá	Quintal	Nativa
Taperebá	<i>Spondias mombin</i> L.	Anacardiaceae	Ferimento	Cascas	Chá	Floresta	Nativa
Unha-de-gato	<i>Uncaria tomentosa</i> (Wild.) D. C.	Rubiaceae	a-infecção b-feridas	a-caule b-cascas	a-chá b-compressa	Quintal	Nativa
Urtiga	<i>Urtica dioica</i> L.	Urticaceae	Dores na coluna	Raiz	Chá	Quintal	Exótica
Uxi-amarelo	<i>Endopleura uchi</i> Huber	Humiriaceae	Inflamação do útero	Folhas	Chá	Floresta	Nativa
Vick	<i>Mentha arvensis</i> L.	Lamiaceae	Gripe	Folhas	Chá	Quintal	Exótica

Fonte: Elaborado pelos autores.

De acordo com os resultados obtidos, verificou-se que as folhas são mais utilizadas no preparo dos remédios pelas famílias entrevistadas; raízes, frutos e cascas também foram citados. As formas de preparo dos remédios caseiros mais citados pela comunidade foram os chás (35%), maceração (20%), infusão (10%), sumo (5%), banhos (15%), compressa (5%), lambedor (5%) e gel (5%).

Santos et al. (2020) relatam que a maioria das pessoas utilizam as folhas das plantas para o preparo dos chás, além disso, em alguns casos pode-se usar mais de uma parte da planta ou até mesmo ela inteira, isso irá depender do tipo de enfermidade que deseja ser tratada. Os resultados obtidos na comunidade mostraram que



o estudo do local pode agrupar informações do conhecimento botânico e seus hábitos e costumes, trazidos tanto dos seus locais de origem, quanto conhecimentos que foram obtidas nos novos espaços de assentamento.

A relação entre a população tradicional e a natureza exige uma análise profunda sobre como ambas coexistem e os impactos resultantes desse convívio. Esta análise envolve não apenas a interação direta das comunidades com o ambiente natural, mas também os sistemas de conhecimento, as práticas culturais e a gestão dos recursos naturais. Isso tem se tornado uma área de interesse em diversas pesquisas recentes (Pereira & Diegues 2010).

Das 31 espécies com indicação terapêutica segundo o uso popular e conhecimento da população ribeirinha, observou-se em maior destaque: a hortelã, indicado para tratar problemas relacionado ao sistema imunológico como a gripe, e indicado para transtorno do sistema respiratório (Quadro 2). O Ministério da Saúde (MS) (Brasil 2015) descreve a hortelã (*M. piperita* L.) com várias propriedades medicinais, sendo as mais citadas incluem ação adstringente, antisséptico, antipirético, antiespasmódico, anticatarral, antimicrobiano, rubefaciente, estimulante, emenagogo e propriedades antienvhecimento. E de acordo com a Política Nacional e o Programa de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF), o uso correto dessa planta de forma segura e racional é importante, uma vez que ela faz parte da lista de espécies medicinais pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

Quadro 2. Número de citações obtidas pelos informantes para as 31 espécies de plantas medicinais analisadas na comunidade Paraíso Grande – AM.

Lista das espécies organizadas por ordem decrescente de valor de uso

Nome popular	Nome científico	Número de citações	Valor de uso
Hortelã	<i>Mentha piperita</i> L.	11	0,55
Limão	<i>Citrus limon</i> L.	9	0,45
Capim-santo	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf.	7	0,35
Mastruz	<i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clemants	6	0,3
Erva-cidreira	<i>Melissa officinalis</i> L.	5	0,25
Mucuracaá	<i>Petiveria alliacea</i> L.	5	0,25
Alfavaca	<i>Ocimum basilicum</i> L.	4	0,2
Catinga-de-mulato	<i>Tanacetum vulgare</i> L.	4	0,2
Chicória	<i>Cichorium intybus</i> L.	4	0,2
Goiaba	<i>Psidium guajava</i> L.	4	0,2
Taperebá	<i>Spondias mombin</i> L.	4	0,2
Vick	<i>Mentha arvensis</i> L.	4	0,2
Açaí	<i>Euterpe oleracea</i> Mart.	3	0,15
Acerola	<i>Malpighia emarginata</i> DC.	3	0,15
Arruda	<i>Ruta graveolens</i> L.	3	0,15
Babosa	<i>Aloe vera</i> L.	3	0,15
Biribá	<i>Annona mucosa</i> Jacq.	3	0,15
Capebá	<i>Piper marginatum</i> Jacq.	3	0,15
Escama-de-peixe	<i>Kalanchoe brasiliensis</i> Cambess	3	0,15
Gengibre	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	3	0,15
Jambu	<i>Acmella oleracea</i> (L.) R. K. Jansen	3	0,15



Nome popular	Nome científico	Número de citações	Valor de uso
Mamão	<i>Carica papaya</i> L.	3	0,15
Manjeriçao	<i>Ocimum basilicum</i> L.	3	0,15
Pião-roxo	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	3	0,15
Unha-de-gato	<i>Uncaria tomentosa</i> (Wild.) D. C.	3	0,15
Urtiga	<i>Urtica dioica</i> L.	3	0,15
Uxi amarelo	<i>Endopleura uchi</i> Huber	3	0,15
Alho	<i>Allium sativum</i> L.	2	0,1
Graviola	<i>Annona muricata</i> L.	2	0,1
Puruí	<i>Alibertia edulis</i> L. Rich	2	0,1
Quebra pedra	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	2	0,1

Fonte: Elaborado pelos autores.

Baseado em informações coletadas pelos informantes, verificou-se que foram citadas 28 doenças/afecções, sendo a categoria com maior número de citações de uso pelos informantes está relacionada o sistema respiratório com a gripe (40 citações – 35,71%), seguido do sistema digestivo (nove citações – 8,03%) com destaque para as doenças relacionadas ao fígado e estômago.

A busca pela cura de enfermidades e por acreditarem que as plantas fazem menos mal que os medicamentos convencionais fez com que o consumo de remédios caseiros feitos à base de plantas medicinais tenha progredido, principalmente com o intuito de contribuir para o aumento da imunidade, tratar doenças de sintomas semelhantes sendo a gripe um dos motivos que mais levou o grupo estudado a buscar pelo uso de plantas medicinais no período de coleta de dados, isso pode implicar para mais estudos científicos (Barbosa et al. 2022).

A informação apresentada pelos comunitários de que 58% das espécies serem exóticas e 42% serem nativas, apresentadas no quadro 1, levanta uma questão preocupante, pois isso pode ter várias consequências negativas para o ecossistema local, como, por exemplo, a relação ecológica competição com espécies nativas, onde as plantas exóticas podem competir com as nativas por recursos como água, luz e nutrientes, o que pode levar à redução da biodiversidade local.

Além disso, pode haver uma alteração do equilíbrio ecológico, sendo que as plantas exóticas podem se desenvolver, crescer e espalhar rapidamente, se tornando invasoras. Outras mudanças podem ocorrer no solo, relevo e clima, influenciando no ciclo da água e na regulação térmica da região. Assim, a presença de mais plantas exóticas do que nativas na Amazônia pode desestabilizar um dos ecossistemas mais ricos e complexos do planeta Terra. Portanto, a conservação da flora nativa é fundamental para manter a homeostase e a resiliência da floresta e dos seres vivos que ali habitam.

Resultados semelhantes foram encontrados na pesquisa de Vasconcelos (2020), onde as espécies exóticas registradas pelos comunitários foram mais representativas com 52% do total de citações, enquanto o número de espécies nativas foi de 48%, denotando que entre essas espécies e famílias utilizadas como medicinais na zona rural de Humaitá, no Amazonas, há tanto espécies nativas como exóticas.

A urbanização crescente e a descaracterização dos biomas locais têm dificultado a viabilidade das espécies nativas, tal como argumenta Miller (2005) a introdução de espécies exóticas tem se constituído em elemento importante de prejuízos à biodiversidade local em muitas regiões, alterando, em alguns casos, ecossistemas inteiros, principalmente pelas consequências da predação, da competição e da hibridização (Roemer et al. 2002). As primeiras translocações de espécies de uma região para outra do planeta tiveram a intenção de suprir



necessidades agrícolas e florestais. Estima-se ainda que com o passar do tempo, aproximadamente metade das plantas ornamentais introduzidas tornaram-se invasoras (Ziller 2001).

No que tange ao acesso à saúde pública na comunidade como esta não tem acesso a posto de saúde ou agentes que realizam acompanhamento nas casas, se torna viável a utilização destas plantas em seu dia a dia. Assim como no trabalho de Lomba e Fonseca (2017), realizado no estado no Amapá, na ausência das condições básicas, são frequentes os casos de diarreia, infecção intestinal, doenças na pele e outros. Além disso, no inverno, os moradores ficam vulneráveis à malária e outras doenças endêmicas.

Percepções ambientais

A maioria das entrevistadas indicou que não tinha um entendimento claro sobre o conceito de intoxicação. Porém, é notável que uma parcela significativa dessas mulheres (75%) mencionou que, se a planta não for usada corretamente, poderia causar mal-estar. Essas percepções oferecem uma oportunidade valiosa para fornecer informações cruciais à população, como esclarecimentos sobre os riscos de intoxicação e orientações sobre a forma mais apropriada de utilizar a planta de maneira segura e eficaz. Isso nos permite contribuir para a disseminação de conhecimento essencial que pode ser benéfico para a comunidade.

A toxicidade apresentada por uma espécie vegetal pode estar relacionada a fatores associados ao indivíduo, à planta, ao modo de exposição e a questões ambientais. A intoxicação, aguda ou crônica, causada por plantas é difícil de ser diagnosticada assim como a associação entre os sintomas e o consumo e/ou contato com algumas espécies é difícil de ser estabelecida (Campos et al. 2016).

Quando questionados sobre quais problemas ambientais que a comunidade enfrenta ou já enfrentou, destacou-se as enchentes (50%), seguido de queimadas e desmatamentos (20% cada) e 10% dos entrevistados relataram que esses problemas ambientais afetam o crescimento e desenvolvimento das plantas.

No ano de 2014, o Governo Estadual decretou Estado de Emergência em 13 de fevereiro (decreto nº 18.608) e Estado de Calamidade Pública em 3 de abril de 2014 (decreto nº 18.749). Foi estimado um prejuízo total de R\$ 4,2 bilhões em consequência deste desastre natural, o que levou o governo estadual a elaborar um plano de reconstrução. As enchentes e inundações sobre áreas carentes de serviços adequados de saneamento básico favoreceram a proliferação dos mais diversos vetores e agentes patogênicos que ameaçam a saúde humana. Doenças veiculadas pela água encontraram nesses ambientes condições ideais para sua propagação. Além disso, tais eventos se relacionam ao incremento do número de casos de acidentes por animais peçonhentos (França & Mendonça 2015).

Sobre os desafios enfrentados na preservação e manutenção do conhecimento e uso das plantas, 80% dos moradores responderam que a seca impede na manutenção do uso das plantas, pois, quando chega nesta época precisam carregar água na cabeça para o seu consumo, o que dificulta o cuidado com as plantas. E por fim, alguns relatos sobre a presença de insetos, os desafios de fazerem canteiros altos e adubo natural para a planta crescer, são questões que afetam o crescimento das plantas.

Visando a disseminação do conhecimento tradicional, questionou-se os entrevistados se estes estão sendo passados de geração para geração, e observou-se que estas ações poderão contribuir para a difusão do conhecimento dos mais idosos entre os mais jovens, colaborando para a valorização da identidade da comunidade no que diz respeito ao conhecimento do ambiente que os cerca. Além disso, os dados ambientais obtidos foram essenciais para entender a diversidade local, quais são os principais impactos antrópicos que essa região sofre e para evitar que o ecossistema que se encontra em risco desapareça.

Assim, a transmissão oral é como mecanismo de disseminação mantém uma conexão constante com os conteúdos compartilhados (Pereira & Diegues 2010). Embora alguns indivíduos possam não ter a habilidade



de utilizar esse método, eles têm conhecimento de alguém que o utiliza, graças às experiências e saberes compartilhados.

As informações do saber local sobre o uso das plantas como remédio emitidas pelas pessoas da comunidade Paraíso Grande podem oferecer subsídios para estudos científicos futuros, de antemão, esses trabalhos auxiliam para a valorização da medicina tradicional local.

A vegetação presente nessa região é identificada como mata de várzea, caracterizada por períodos de inundação em determinadas épocas do ano. Devido ao clima Equatorial Úmido, a população enfrenta diversos desafios ao utilizar as plantas, que variam desde a seca intensa, dificultando o cultivo dessas espécies, até as enchentes prolongadas. Além disso, a comunidade lida com problemas relacionados ao desmatamento significativo e às ocorrências de queimadas.

A etnoconservação representa uma abordagem que busca harmonizar a conservação da natureza com os saberes tradicionais e o manejo sustentável dos recursos naturais que estas comunidades possuem. Isso se justifica pela relevância dessas populações como agentes fundamentais na preservação do ambiente natural em que estão inseridas, desempenhando um papel crucial na sua proteção e na promoção de práticas sustentáveis (Pereira & Diegues 2010).

A comunidade de Paraíso Grande, conforme relatados pelos informantes tem um baixo número de espécies medicinais, por alguns fatores, a sua localização geográfica é bem próxima à cidade de Humaitá, tornando um acesso à saúde básica mais prática, como postos de saúde e hospital na cidade. Outro fator que torna baixo o número de espécies, são as perdas de plantas que ocorreram na enchente de 2014, os comunitários citam em suas entrevistas que antes das enchentes, seus quintais eram ricos de biodiversidade de plantas medicinais, que aos poucos nesses últimos anos, estão regatando o uso e o consumo das espécies.

Considerações Finais

Por ser o primeiro estudo etnobotânico realizado nesta comunidade, os resultados obtidos proporcionaram uma valiosa descoberta das espécies medicinais frequentemente empregadas nesta região. Essa pesquisa se torna ainda mais relevante devido à falta de sistema único de saúde disponível para suprir as necessidades de saúde das comunidades ribeirinhas, pois a Etnobotânica nesses locais representam um campo de estudo essencial para compreender a interação entre os povos locais e a biodiversidade amazônica.

É importante ressaltar que o SUS na PNPMF garante o acesso e uso racional de plantas medicinais, garantindo assim, uma otimização para essa parte da população aos serviços de saúde, uma vez que a localização geográfica não pode ser utilizado para justificar a falta de investimentos e as dificuldades de gestão, mas garantir estratégias participativas à atenção e cuidados diferenciados.

É evidente que o conhecimento sobre as plantas medicinais dentro dessa comunidade tem sido gradualmente construído e transmitido de uma geração para outra. Esse processo de transmissão de sabedoria tem contribuído para o cultivo e a preservação das espécies, garantindo, assim, a manutenção da riqueza de sua diversidade biológica ao longo das sucessivas gerações. Muito embora, fatores ambientais externos, como a grande enchente de 2014 afetou a riqueza de espécies cultivadas nos quintais e a proximidade com o centro urbano por si só erode o conhecimento tradicional.

No entanto, é necessário que haja uma gestão pública responsável para elevar o bem-estar da comunidade, com o objetivo de aprimorar a qualidade de vida e promover uma maior diversidade de maneiras de utilizar e aproveitar os recursos naturais. Isso é crucial, uma vez que as plantas medicinais desempenham um papel vital na subsistência da comunidade. Além disso, é fundamental investir na preservação e transmissão dos



conhecimentos tradicionais, uma vez que esses saberes desempenham um papel significativo na manutenção da biodiversidade local.

As comunidades ribeirinhas do sul do Amazonas frequentemente enfrentam desafios significativos em termos de acesso a serviços básicos, infraestrutura, educação deficiente e saúde de qualidade, devido ao seu isolamento geográfico e à precariedade das condições de vida, a falta de oportunidades de emprego formal, são algumas das questões que afetam negativamente a qualidade de vida dessas comunidades.

Estudos como este possibilitam que essa população que é pouco reconhecida e valorizada possa ter políticas públicas compensatórias que irão exercer um papel crucial para dirimir as desigualdades, redução da pobreza e para melhorar as condições de vida dessas populações.

Portanto, conhecer as necessidades dessas populações são tão importantes. Sendo que, o perfil socioeconômico dos ribeirinhos na Região Norte é marcado por desafios significativos relacionados ao gênero, à economia e ao meio ambiente.

Agradecimentos

Ao Programa Pós-graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia (PPGCASA) a Universidade Federal do Amazonas (UFAM), a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) pela concessão de bolsa de Doutorado e à Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo auxílio às atividades de campo. A comunidade Paraíso Grande que participou e possibilitou a realização desta pesquisa.

Referências

- Albuquerque UP, Hanazaki N 2006. As pesquisas etnodirigidas na descoberta de novos fármacos de interesse médico e farmacêutico: fragilidades e perspectivas. *Revista Brasileira de Farmacognosia* 16(1): 678-689.
- Albuquerque UP, Lucena RFP, Cunha LVFC 2008. Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica. *Comunigraf*, Recife, 483 pp.
- Albuquerque UP, Ferreira-Júnior WS, Ramos MAMMP 2022. Introdução à Etnobotânica. *Interciência*: Rio de Janeiro, 150 pp.
- Alencar DGS, Costa FS 2021. Resiliência pedagógica: escolas ribeirinhas frente às variações de seca e cheia do Rio Amazonas. *Educação & Pesquisa* 47(1): e230347.
- Almeida MZ 2011. Plantas medicinais. EDUFBA: Salvador, 221 pp.
- Araújo JP, Silva LE, Amaral W, Machado MS 2018. Formas tradicionais de uso, manejo e percepção dos recursos vegetais no Litoral do Paraná: etnoconservação florestal da Mata Atlântica. *Brazilian Journals of Development* 4(3): 886-915.
- Barbosa RLQ, Lima EO, Dias AK, Pereira RA, Couto GBF 2022. *Revista Humanidades e Inovação* 9(10): 96-108.
- Begossi A 1996. Use of ecological methods in ethnobotany: Diversity Indices. *Economic Botany* 50(3): 280-289.



- Bisol CA 2012. Estratégias de pesquisa em contextos de diversidade cultural: entrevistas de listagem livre, entrevistas com informantes-chave e grupos focais. *Estudos de Psicologia* 29(1): 719-726.
- Brasil 2011. Zoneamento Ecológico Econômico da Sub-Região do Purus. Secretaria do Estado do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, Amazonas, 271 pp.
- Brasil. Monografia da espécie *Mentha x piperita* L. (Hortelã-pimenta). Ministério da Saúde e Anvisa. 2013. [2024 Set 15]; Disponível em: [MonografiaMenthapiperita.pdf \(www.gov.br\)](#)
- Campos SC, Silva CG, Campana PRV, Almeida VL 2016. Toxicidade de espécies vegetais. *Revista Brasileira de Plantas Mediciniais* 18(1): 373-382.
- Dietrich LJ, Almeida NM 2020. Desmatamento da Amazônia, impactos ambientais e desafios para a espiritualidade cristã: responsabilidade mundial para uma ecologia integral. *Franciscanum* 62(173): 1-29.
- França RR, Mendonça FA 2015. A cheia histórica do Rio Madeira no ano de 2014: Riscos e impactos à saúde em Porto Velho (RO). *Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde* 11(21): 62-79.
- Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais 2024. SGI 2.5 – Introdução ao Sistema de Informações Geográficas – SGI. Imagem Geosistemas, Brasil, 5 pp.
- Lima RTS, Fernandes TG, Martins-Júnior PJA, Portela SC, Santos-Júnior JDO, Schweickardt JC 2021. Saúde em vista: uma análise da Atenção Primária à Saúde em áreas ribeirinhas e rurais amazônicas. *Ciência e Saúde Coletiva* 26(6): 2053-2064.
- Lira TM, Chaves MPSR 2016. Comunidades ribeirinhas na Amazônia: organização sociocultural e política. *Interações* 17(1): 66-76.
- Lomba RM, Fonseca MBS 2017. Modos de vida ribeirinho na comunidade Foz do Rio Mazagão – Mazagão (AP/Brasil). *Ateliê Geográfico* 11(1): 257-276.
- Miller JR 2005. Biodiversity conservation and the extinction of experience. *Trends in Ecology and Evolution* 20(8): 430-434.
- Oliveira BOS, Nunes CHS, Correia RX, Silva DMP, Souza RFS, Nascimento LS, Campos MCC 2023. Qualidade da água para consumo humano em comunidades rurais no sudoeste da Amazônia. *Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science* 12(3): 305-317.
- Pereira BE, Diegues AC 2010. Conhecimento de populações tradicionais como possibilidade de conservação da natureza: uma reflexão sobre a perspectiva da etnoconservação. *Desenvolvimento e Meio ambiente* 22(1): 37-50.
- Roemer GW, Donlan CJ, Courchamp F 2002. Golden eagles, feral pigs, and insular carnivores: How exotic species turn native predators into prey. *Proceedings of the National Academy of Sciences* 99(2): 791-796.



Santos ALS, Pereira ECG, Andrade LHC 2007. A construção da paisagem através do manejo dos recursos naturais e a valorização do etnoconhecimento. In: Albuquerque UP, Alves AGC, Araújo TAS. Povos e paisagens: etnobiologia, etnoecologia e biodiversidade no Brasil. Recife, p.61-73.

Santos, JA, Júnior AO, Meneguelli AZ, Camargo EES 2020. O saber etnobotânico de plantas medicinais na comunidade ribeirinha do município de Ji-Paraná – RO. *Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research* 31(1): 7-13.

Silva VA, Nascimento VT, Soldati GT, Medeiros MFT, Albuquerque UP 2010. Técnicas para análise de dados etnobiológicos. In: Albuquerque UP, Lucena RFP, Cunha LVFC. Métodos e técnicas na pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica, COMUNIGRAF, Recife, p.50-70.

Silva RS, Silveira RLL 2012. Meios de transporte e desenvolvimento regional no Estado do Amazonas: uma análise das microrregiões geográficas do Madeira e do Purus. *Novos Cadernos NAEA* 15(2): 45-84.

Silva TA, Oliveira WDS, Sampaio FAC 2021. Etnoconhecimento de pescadores artesanais sobre a ictiofauna do Rio Jiquiriçá, Bahia. *Ethnoscience*, 6(1): 163-187.

Vasconcelos GKA 2020. O conhecimento tradicional no processo de conservação da biodiversidade: um olhar sobre as contribuições dos agentes comunitários de saúde. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Amazonas, Humaitá, 135 pp.

Veltri ALA 2017. Estudo de Etnociências nas boas práticas agrícolas de plantas medicinais, aromáticas e condimentares do município de Botucatu, SP. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual Paulista, Botucatu, 112 pp.

Ziller SR 2001. Plantas exóticas invasoras: a ameaça da contaminação biológica. *Revista Ciência Hoje*, 30(178): 77-79.